

As representações sociais sobre a agroecologia nos movimentos universitários do Brasil

Social representations of agroecology in Brazilian university movements

Douglas Vianna Bahiense¹,
Lara Brunelle Almeida Freitas²

Resumo

Objetiva-se com este trabalho analisar as representações sociais no ciberespaço da Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil (REGA Brasil), considerando as informações sobre os movimentos de agroecologia brasileira entre jovens acadêmicos, a partir da Teoria das Representações Sociais e da articulação de redes e/ou grupos de agroecologia nas universidades. Para tanto, realizou-se análise netnográfica no *site* da Rede, análise de conteúdo das cartas agroecológicas redigidas nos encontros nacionais dos grupos de agroecologia (ENGAs) e uma breve discussão das campanhas de comunicação digital. Do ponto de vista representativo, apresentam-se muitos significados ancorados em uma base definida entre o sujeito (agroecologia) e o objeto (juventude). Observaram-se indícios representativos fundamentados na agricultura familiar, trabalho coletivo, gênero, universidades, ações extensionistas e recursos midiáticos. Os resultados demonstraram que para a juventude o uso das representações sociais é importante, sendo uma formação alternativa em favor da sustentabilidade, cooptando grupos universitários de agroecologia e outros setores sociais a aderirem à causa.

Palavras-chave: Juventude rural; Encontros nacionais dos grupos de agroecologia; Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil.

Abstract

The objective of this work is to analyze the social representations on the cyberspace of the Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil (REGA Brasil), considering information about the movements of Brazilian agroecology among young academics, based on the Theory of Social Representations and articulation of agroecology networks and/or groups in universities. For this purpose, a netnographic analysis was carried out on the Network's website, a content analysis of the agroecological charts, written at the national meetings of agroecology groups (ENGAs) and a brief discussion of the campaigns of digital communication. From a representative point of view, there are many meanings

¹ Mestrado em Produção Vegetal pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. *E-mail:* douglas.bahiense@yahoo.com.br

² Doutoranda em Desenvolvimento Regional e Agronegócio na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Toledo, Paraná, Brasil. *E-mail:* lara.freitas@unioeste.br

anchored on a defined basis between the subject (agroecology) and the object (youth). Representative evidence of was observed, reasoned on family farming, collective work, gender, universities, extension actions and media resources. The results of this study showed that for the youth, the use of social representations is important, being an alternative education in favor of sustainability, co-opting university agroecology groups and other social sectors to join the cause.

Keywords: Rural youth; National meetings of agroecology groups; Network of agroecology groups in Brazil.

Introdução

Atualmente, as preocupações e percepções dos problemas oriundos dos impactos da ação antrópica no meio ambiente, e ecossistema como todo, conduzem novas propostas de estilos de vida e estratégias de desenvolvimento (FAXINA; FREITAS; TREVIZAN, 2021). Nessa perspectiva, a juventude rural emerge como protagonista de transformações socioespaciais sustentáveis, que por meio da agroecologia, ascende um relevante campo de investigação científica em ascensão quanto ao aprimoramento dos processos de formação e metodologias que reduzem esses impactos nos meios produtivos (DREBES; WIZNIEWSKY, 2015).

Para Worster (2003), a agroecologia se fundamenta em uma alteração coordenada dos processos tróficos no ambiente, que envolvem uma pressão de energias produtivas, beneficiando o ecossistema. E, conseqüentemente, se atendem os propósitos conscientes, como o saber-fazer, a segurança alimentar e a qualidade de vida para a população. Ainda que durante esses processos ocorram interferência humana, o desenvolvimento natural no espaço do ecossistema é contínuo.

Trata-se de uma mudança de paradigmas, pois, diferentemente da geração de seus pais e avós, que adotaram cultivos intensivos de produtividade no auge da Revolução Verde, os jovens enfatizam uma produção alternativa e agroecológica. Eles são influenciados pelos relatos sobre os riscos ambientais, e submergiram essa notoriedade por meio das mídias ou das informações técnicas que recebem durante sua trajetória escolar e educação formal ou informal (DOULA, 2015).

Assim, na contramão da concepção tecnicista, torna-se visível a diferenciação dos processos educativos que promovem a ressignificação dos modelos de agricultura, ou seja, que desconsideram o significado do rural como espaço “atrasado”, assim como espaço produtivo relacionado à intensa produtividade agrícola (agronegócio). Praticar a agroecologia, para os jovens, passa a fazer parte de um processo educativo, considerando que a agricultura tem suma importância não somente como fonte financeira, mas também para promover a segurança alimentar (SILVA, 2017).

Essas mudanças na vida dos jovens estão relacionadas à sustentabilidade agrícola ambiental, com a qual a agroecologia tem uma relação direta. As principais mudanças de atitudes da juventude rural estão fundamentadas: em participações efetivas nas associações e movimentos sociais; na preocupação coletiva com a comunidade; nos precursores e valorizadores de conhecimentos; no conhecimento local; e na maturidade na tomada de decisão; entre outras (PIRES, 2011).

Destaca-se que um marco que baliza esse contexto de mudanças tange à institucionalização da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO), da formação dos núcleos de estudos em agroecologia (NEAs) pelo governo federal, que, posteriormente, formula metodologias baseadas na tríade ensino, pesquisa e extensão direcionadas aos segmentos rurais. Destarte, as políticas de agroecologia são aplicadas nas universidades e institutos de ensino, importantes aliados no estreitamento das relações entre essas instituições, agricultores familiares e povos tradicionais. Além disso, expandem a possibilidade de reivindicar do Estado o cumprimento do seu papel constitucional

mediante a geração e a disseminação de tecnologias alternativas que propiciem melhorias nas condições de vida e dignidade às famílias rurais (SILVA; SOUSA; ASSIS, 2017).

Tanto a agroecologia quanto a juventude rural se caracterizam não apenas pela relevância teórica e prática, mas também por conflitos e discussões conceituais oriundos das opiniões dos pesquisadores reconhecidos na academia. Assim, têm sido observadas tentativas de aproximação e de parcerias entre diversos atores sociais, além de políticas públicas que identificam a juventude rural como público prioritário para a expansão das práticas agroecológicas (DREBES; WIZNIEWSKY, 2015).

Nesse sentido, a educação é um importante instrumento na promoção da agroecologia para a juventude rural. Por isso, os jovens alcançados pelas políticas públicas são aqueles cujos familiares têm uma trajetória no viés agroecológico ou nas propriedades familiares em processo de transição do modelo convencional para o orgânico (ou agroecológico). Ressalta-se que os jovens que têm contato com experiências agroecológicas, seja por meio de pessoas próximas nas comunidades ou em instituições como as escolas familiares agrícolas, tendem a desenvolver uma maior identificação com esse modelo de agricultura (OLIVEIRA; BOTELHO, 2017).

Os jovens têm suas importantes contribuições para construir as delimitações da agroecologia, ou seja, prepará-las nas visões de trabalho e com conhecimento pleno da temática, além de ter diferentes efeitos desejados no território. Eles representam um ponto de inflexão para os demais agricultores familiares, sobretudo os pais, na maneira de contestar alguns questionamentos sobre o modelo de produção agrícola que adotam. Por isso, a escola (especialmente a rural) deve assumir a responsabilidade de difundir a agroecologia em todas as faixas etárias na comunidade inserida (ROSSET, 2017).

O desenvolvimento da educação do campo vem construindo as bases de trabalho para uma formação profissional em agroecologia a partir de quatro fatores: (i) crítica radical ao modelo do

agronegócio; (ii) busca da ruptura do conhecimento científico; (iii) construção pedagógica que valorize o desenvolvimento local e a sabedoria dos povos no meio rural; (iv) uma proposta de conciliação dos conhecimentos com a realidade do campo (SOUSA, 2017).

Nesse contexto de relação entre juventude e agroecologia, é importante destacar que não se trata de uma política de relações públicas. Para construir políticas públicas que favoreçam a permanência dos jovens no campo, é fundamental gerar reflexões sobre o acesso à educação, à terra e à renda, além de outros temas ligados à qualidade de vida no espaço rural. Assim, para consolidar a agroecologia junto à juventude, é necessário construir um novo panorama institucional, não somente para atender à juventude em si, mas para prepará-la como mantenedora e disseminadora de conhecimentos e boas práticas (CASTRO *et al.*, 2017).

O engajamento e a participação juvenil na promoção da agroecologia, tanto nos fóruns de discussões quanto nas formações políticas, demonstram interesse por esse tipo de agricultura, compreendendo-a como procedimento ideal de desenvolvimento rural sustentável nas propriedades. Tal expectativa indica o sentido que a agroecologia assume para o público jovem e justifica as razões em planejar experimentos para implementação do processo de transição do sistema de plantio convencional para o orgânico (MOURA; FERRARI, 2016).

Faz-se importante evidenciar, nesse contexto, a influência dos movimentos sociais e instituições de pesquisa e extensão, como os centros de tecnologias alternativas, na construção das representações sobre a agroecologia, uma vez que, ao desenvolverem oficinas, cursos e mutirões, criam um ambiente que possibilita o contato e a ressignificação dos saberes científicos e populares, bem como a formação acadêmica e social dos jovens.

Para além dessas vivências práticas, ressalta-se o papel das mídias e das tecnologias de informação e comunicação (TICs) como veículo que reforça, cria e recria representações coletivas (FREITAS; MONDO; SOARES, 2020; MENASCHE, 2005).

Nesse sentido, evidencia-se que uma das principais ferramentas da profissionalização e do engajamento dos jovens universitários na agroecologia são os grupos e/ou redes de articulação, que têm como finalidade promover e divulgar a formação profissional dos universitários, por meio de conceitos teóricos e práticas aplicadas ao campo para ampliar as discussões e os espaços dos temas atuais. Assim, buscam-se estratégias de divulgação para informar ao público jovem a proposição da agroecologia como um novo estilo de vivência no campo.

A partir dessas considerações, levanta-se o seguinte questionamento: “qual a representatividade da juventude que decidiu abraçar a causa agroecológica?”. No intuito de respondê-lo, objetiva-se com este trabalho analisar as representações sociais no ciberespaço da Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil (REGA Brasil), mediante análise de conteúdo das informações sobre os movimentos de agroecologia brasileira entre os jovens acadêmicos.

Para atender ao objetivo e à metodologia propostos, o trabalho está estruturado em cinco seções. Na primeira seção, composta por esta introdução, apresenta-se uma breve discussão sobre a relevância da agroecologia e o uso das representações sociais na juventude para contextualizar o objeto de pesquisa. Na seção seguinte, é apresentado o referencial teórico que norteia a presente pesquisa, com ênfase na Teoria das Representações Sociais e na articulação de redes e/ou grupos de agroecologia (GAs) nas universidades. Os procedimentos metodológicos são expostos na terceira seção. Os resultados e a discussão geral situam-se na quarta seção. Na quinta seção, são tecidas as considerações finais.

Referencial teórico

Teoria das Representações Sociais

A partir dos anos 1960, verifica-se a ampliação do interesse pelos tipos de conhecimento, pelas práticas simbólicas e pelos imaginários

populares. Os conceitos de representação e de memória social também fazem parte desse interesse e aparecem como prioridades de estudo, principalmente a partir dos anos 1980. Embora baseado na sociologia de Durkheim, é na psicologia social que o estudo da representação ganha teorização mais abrangente, desenvolvida por Serge Moscovici e aprimorada por Denise Jodelet. Essa ênfase teórica passa a abarcar diversas áreas e temas de estudo, como a saúde, a educação, a didática e o meio ambiente (ARRUDA, 2002).

A representação social está correlacionada ao campo simbólico e às interpretações dos objetos e suas significações. Isso resulta de uma atividade que implica uma “construção” e uma “expressão” do sujeito. Todavia, o caráter particular dessa teoria está em agregar à análise o pertencimento e a interação social e cultural. Nessa forma de entendimento, a Teoria das Representações Sociais possibilita observar aspectos linguísticos, comportamentais, mentais e materiais, que ligam tanto o objeto representado quanto o sujeito que o representa (JODELET, 2001).

As representações sociais se expressam pela maneira de interpretar a realidade cotidiana. É uma forma de conhecimento elaborada pelos indivíduos e pelos grupos sociais para firmar suas posições em virtude das situações que lhes concernem. Na esfera social, as representações intervêm de várias formas: no conjunto de fatores que se fixam às identidades de grupos e/ou indivíduos; na comunicação; no quadro de percepção que propicia sua bagagem cultural; nos códigos; nos símbolos; e nas orientações políticas; entre outras (SÊGA, 2000).

As sociabilidades criam “universos consensuais” mesmo quando novas representações coletivas estão sendo geradas e comunicadas, passando a integrar-se no ambiente social, não como mera opinião, mas como uma verdadeira “teoria” do senso comum, que visa captar a complexidade do objeto, a facilitar a interlocução e a orientar condutas (FREITAS; MONDO; SOARES, 2020; MAZZOTTI, 2008).

Quanto à juventude, de modo geral, o uso dessa teoria tem focalizado o projeto de vida que

aponta para um futuro idealizado e para a percepção do campo de possibilidades favoráveis ou não à sua concretização. É o projeto que permite compreender a visão de mundo juvenil e como as representações do presente e do futuro orientam suas escolhas, inclusive as educacionais e profissionais (GONÇALVES *et al.*, 2008).

Redes e grupos de agroecologia nas universidades e instituições de ensino

Existem grupos estudantis organizados, de perfil ambientalista, que se fortaleceram e criaram seus estilos de trabalho, consolidando seu espaço nas universidades brasileiras. Esses pleitearam recursos, demandaram a reformulação pedagógica nos currículos dos cursos superiores e buscaram a integração instrumentalizada dos conhecimentos que recebem nas disciplinas. Os docentes também deram as suas contribuições na organização desses grupos, e, de acordo com os preceitos da universidade pública, produzem com as diversas ciências o conhecimento, lecionam as disciplinas e coordenam projetos de pesquisa e extensão com o objetivo de fomentar a sustentabilidade (JACOB *et al.*, 2016).

Como resultado da ação de algumas instituições, a partir dos anos 2000, criou-se um espaço de diálogo que agregou iniciativas de diversos grupos por meio dos encontros nacionais de agroecologia (ENAs). Essa novidade integrou atores sociais, tais como os movimentos sociais, os gestores públicos e os acadêmicos interessados na temática da agroecologia. A responsabilidade dos encontros foi da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), cuja finalidade principal consistia em promover as articulações de outras redes (SILVA; SOUSA; ASSIS, 2017).

Em sua composição histórica, os GAs são atuantes desde a década de 1980, conforme apontam Fagnoli e Maia (2009). Em 2009, no Fórum Social Mundial em Belém, capital do estado do Pará, os GAs começaram a se articular com novas organizações para formalizar o primeiro Encontro

Nacional dos Grupos de Agroecologia (ENGA), ocorrido em Curitiba, capital do estado do Paraná.

A REGA Brasil foi proposta em 2010. Surgiu a partir das associações estudantis nas universidades, como a Federação dos Estudantes de Agronomia no Brasil (FEAB) e a Associação Brasileira dos Estudantes de Engenharia Florestal (ABEEF). Ela visa organizar as diversas características da juventude agroecológica no viés gerencial, político e emancipatório (CUCOLICCHIO; LADEIRA; FURQUIM, 2017; OLIVEIRA, 2013). Com o passar dos anos, a REGA Brasil foi se fortalecendo com os eventos realizados e com os respectivos debates e constructos sobre a temática.

Essas articulações de extensão universitária desempenham um papel na formação profissional de estudantes de graduação e de pós-graduação, em que o foco é uma série de problemas presentes na sociedade, a exemplo da realidade social do campo e a necessidade urgente de uma extensão rural agroecológica. É possível destacar o trabalho desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Práticas de Permacultura (GEPPe) da Universidade Federal do Ceará (UFC), que tem contribuído com serviços profissionalizantes por meio do contato entre jovens universitários e agricultores(as) familiares e por compreender o valor institucional entre a universidade e a sociedade na formação técnica dos estudantes das Ciências Agrárias (MARQUES; AGUIAR; GONÇALVES, 2016).

No Brasil, a agroecologia faz parte do escopo das Ciências Agrárias de acordo com as áreas de conhecimento, estabelecidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundamentadas por meio da elaboração dos cursos superiores com sua matriz pedagógica, além da sua autonomia de trabalho. Um exemplo na formação dos grupos de pesquisa é o Grupo de Agroecologia Noroeste Missões (GANOM), no estado do Rio Grande do Sul. O grupo realiza várias atividades que dinamizam o ensino, a pesquisa e a extensão, incentivando os estudantes das Ciências Agrárias, majoritariamente, a participarem de atividades extracurriculares e compartilharem

experiências em agroecologia com outros grupos de estudos e/ou pesquisa. Essas iniciativas já ocorreram em outras universidades e grupos de estudos em agroecologia no Brasil, como no caso do Grupo de Estudos Coletivo de Ações para Sistemas Agroecológicos (CASA) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG) e do Grupo de Estudos em Agricultura Ecológica (GEAE) da Universidade Federal de Paraná (UFPR) (RAMOS *et al.*, 2017).

Outras metodologias de trabalho sobre agroecologia são desenvolvidas em diversas instituições, como a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ), o Tempo Escola (teoria) e o Tempo Comunidade (prática de campo). Esses trabalhos de inovação social contribuíram para que os jovens reafirmassem suas representações sociais como agricultores. Estabeleceram-se dinâmicas pedagógicas que os ajudavam a pensar sobre suas origens socioculturais. No entanto, a principal dificuldade desses jovens é a falta de sensibilização e a resistência da comunidade para as mudanças sociais que eles são aptos a promover (SILVA *et al.*, 2011).

As redes de agroecologia, de modo geral, têm em comum o fato de terem surgido pela necessidade de criar mecanismos adequados aos agricultores familiares camponeses e aos futuros profissionais. A existência foi concretizada a partir da mobilização e do anseio político-institucional, que permitiram que as construções de pontes necessárias à formação desse perfil de redes pudessem se consolidar. Esses tipos, que resultam de uma organização social, estão constantemente se modificando, construindo novas parcerias, além de optarem por outros projetos que podem ser cada vez mais complexos. Assim, outros arranjos organizacionais poderão ser facilmente identificados e problematizados em outros trabalhos (FINATTO, 2016).

As alegações que levam os discentes a se inserirem nos grupos agroecológicos revelam que esses são admitidos por seus membros como um importante espaço educativo em que, por meio da participação dos estudantes, são construídas

atividades extracurriculares, capazes de preencher as necessidades dos cursos. Por isso, considera-se que esses grupos configuram opções aos métodos tradicionais de ensino e aprendizagem e que, ocasionalmente, promovem uma remodelação da formação acadêmica feita pelos sujeitos na universidade (SILVEIRA, 2016).

Metodologia da pesquisa

Os procedimentos metodológicos da primeira fase deste trabalho pautaram-se na revisão de literatura com base em pesquisas de caráter netnográfico conforme Kozinets (2014), exploratório e descritivo no *site* da Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil (REGA Brasil). Exploraram-se as seguintes partes: a página virtual da REGA Brasil, a apresentação breve dos conteúdos, as figuras e as seções fixadas. Após a apresentação, informa-se no respectivo trabalho os principais eventos promovidos nos GAs, como o ENGA e o intitulado Sementário.

Em seguida, utilizou-se a análise de conteúdo. Segundo Franco (2008), esse procedimento organiza-se a partir de uma pré-análise dos documentos iniciais propriamente ditos. As atividades desenvolvidas nessa etapa são: uma leitura flutuante, a escolha dos documentos, a formulação das hipóteses e a elaboração de indicadores. Depois disso, há uma categorização das unidades, selecionando os elementos avaliados.

Foram analisados os materiais de oito cartas agroecológicas redigidas nos ENGAs e um relato registrado e avaliado pelos organizadores do evento, além de seis campanhas de comunicação digitais; as informações disponíveis no *site* da REGA Brasil foram consultadas entre os meses de maio e agosto de 2021.

Para melhor organização metodológica, as categorias de análise foram elaboradas de forma sucinta, a partir das quais, *a priori*, são selecionados os fatores pontuais interpretados nas cartas, que se evidenciarão nos resultados, tais como conceitualização da agroecologia, o trabalho coletivo, os atores sociais, as críticas, o gênero, as políticas públicas

e os pontos divergentes. Esses elementos fundamentaram a análise de conteúdo deste trabalho. É oportuno destacar que os eventos do ENGA foram realizados, até então, no período de 2009 a 2017. Todos os elementos foram lidos, interpretados e categorizados para discussão dos seus resultados e respectivos significados para a representação social da agroecologia. Entende-se que, nesses discursos, as mensagens e as representações juvenis sobre a agroecologia são complementares e visam a comunicação de uma visão de mundo mais coesa, compartilhada e responsiva.

Resultados e discussões

Nesta seção, exploram-se os resultados e as discussões como forma de caracterizar como funcionam as estratégias de comunicação da agroecologia para a juventude mediante as representatividades, evidenciadas durante as discussões dos dados.

Caracterização e análise netnográfica do site da REGA Brasil

Na parte inicial do *site* da REGA Brasil³ há três imagens, sendo uma em forma de teia de aranha, como o propósito de representar a integração de outros GAs. A segunda é um cartaz ilustrativo do evento agroecológico organizado pela REGA Brasil. E a outra imagem é a logomarca da REGA Brasil, utilizando-se o mapa do Brasil, que simboliza o crescimento das raízes das plantas no solo, em razão do benefício da matéria orgânica.

Abaixo da apresentação escrita no *site* há: uma imagem da REGA Brasil com o lema “Semear Agroecologia nos Territórios e Solos do Brasil”; o *link* do *site* “Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida”; e as páginas do Facebook e do YouTube da REGA Brasil. As seções e as subseções do *site* são especificadas da seguinte forma:

1. REGA Brasil: Agroecologia; Histórico; Princípios; Objetivos; Nossos Encontros; Estrutura Organizativa; Como Participar?; Contato.
2. Encontros nacionais dos grupos de agroecologia (ENGAs), realizados desde 2009.
3. Sementários, desde 2013.
4. Articulações Regionais: Sul; Sudeste; Centro-Oeste; Nordeste; Norte.
5. Grupos de Agroecologia: Cadastre seu grupo ou coletivo.
6. Campanhas de comunicação digital da REGA: Plante a REGA; Caravanas Agroecológicas; Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida; Troca de Sementes Agroecológicas; Kombosa Me CarREGA; Maio Agroecológico.
7. Rodas de Diálogo Campanha Maio Agroecológico 2020.
8. Biblioteca: Arquivo REGA/Mídia/Audiovisual; Agroecologia - Origens e debates; Formação Política; Manejo Agroecológico.
9. Notícias: I Jornalzinho REGA Brasilis; Cartas Agroecológicas.
10. *Links* Agroecológicos.

Na promoção de encontros organizados pela REGA Brasil, destacam-se três eventos oficiais: Sementário, Encontro Regional dos Grupos de Agroecologia (ERGA) e Encontro Nacional dos Grupos de Agroecologia (ENGA). Todos esses encontros objetivam reforçar os preparativos coletivos para estruturar os eventos em vários modos de trabalho, seja por oficinas, discussões e até a distribuição das refeições cujos alimentos são provenientes da agricultura familiar camponesa, produção agroecológica orgânica ou de produtoras(es) em transição agroecológica.

No Quadro 1 são ressaltadas as informações obtidas no *site*: o evento do ENGA com relação às edições, às cidades sedes e aos temas do evento, como forma didática de cativar o público interessado, principalmente o jovem universitário.

³ Para mais informações, recomenda-se o acesso em: <https://regabrasil.wordpress.com>

Quadro 1 - Informações analisadas no *site* oficial da REGA Brasil.

ENGA	Cidade	Temas do evento do ENGA
I (2009)	Curitiba - PR	Agricultura Familiar e Camponesa: experiências passadas e presentes construindo um futuro sustentável
II (2010)	Silva Jardim - RJ	Segurança Alimentar e Saúde, Cultura popular e Tradicional, Sustentabilidade na Agricultura, Economia Solidária e Integração Social ⁴
III (2011)	Fortaleza - CE	Cidades em Transição ⁵
IV (2012)	Viçosa - MG	Enraizando a Agroecologia nos Solos do Brasil!!!!
V (2013)	Porto Alegre - RS	Agroecologia: cuidando da saúde do planeta
VI (2014)	São Carlos - SP	Sê Mentes Livres - Re-Existência
VII (2015)	Belém - PA	Juventudes e Agroecologia: desafios ao protagonismo juvenil
VIII (2016)	Bananeiras - PB	Monoculturas da Mente x Agroecologia de Saberes
IX (2017)	Brasília - DF	Agroecologia pra que(m)?

Fonte: elaborado pelos autores, 2021.

Há, pelo menos, duas situações inovadoras verificadas no *site* da REGA Brasil para atualizações. A primeira, no ano de 2018, é a edição do “1º Jornalzinho REGA Brasilis”, na seção de notícias. Nela, apresentam-se diversas manchetes sobre divulgação de eventos, grupos e atuações da REGA Brasil na promoção da agroecologia. E a segunda, em razão da pandemia da Covid-19, é a organização do “Rodas de Diálogo Campanha Maio Agroecológico 2020”, evento *on-line* que promoveu diversos debates multidisciplinares em torno das temáticas ligadas à agroecologia e em como tais iniciativas descritas nessas discussões públicas favorecem o seu desenvolvimento pleno.

Desde a primeira edição do ENGA, houve uma gradativa evolução didática com relação à metodologia, à organização, à elaboração de temas e às práticas de manejo agroecológico como saneamento e compostagem. Nota-se também uma

maior participação dos GAs e outros movimentos sociais ligados ao setor rural engajados na agroecologia. Estima-se que cerca de 700 pessoas têm participado em cada edição (CUCOLICCHIO; LADEIRA; FURQUIM, 2017).

No Quadro 2 apresentam-se as informações do Sementário disponíveis no *site* da REGA Brasil desde 2013, com destaque às edições e às cidades realizadas, além de enfatizar metodologias praticadas nos locais do evento, no intuito de facilitar a aprendizagem dos participantes e retransmitir os conhecimentos. Com relação ao tema do evento 3º Sementário, escolheu-se “*Onde semeamos nossas potencialidades?*” para representar a chance de crescimento das ideias agroecológicas. Continuando a análise do mesmo quadro, destaca-se que os organizadores focaram mais nas discussões teóricas e nas atividades mobilizadoras exercidas durante a realização dos eventos.

⁴ Embora não fossem oficializadas como o título principal, as temáticas mencionadas no Quadro 1 fizeram parte das discussões e reflexões como forma interativa entre os participantes do II ENGA.

⁵ Apesar de não se considerar como o tema principal pela Organização do ENGA, esse lema – “Cidades em Transição” – remeteu à contextualização da integração da cidade com o ecossistema, visto que a localidade do evento, a Praia da Abreulândia, em Fortaleza, estado do Ceará, está inserida na Unidade de Conservação.

Quadro 2 - Informações do Sementário analisadas no *site* oficial da REGA Brasil.

Sementário	Cidade	Metodologia principal	Tema do evento
I (2013)	Rio de Janeiro - RJ	Metodologias participativas.	Construção da identidade da REGA
II (2014)	Antonina - PR	Pontos focais.	Sistema Agroflorestal
III (2015)	Caxambu - MG	Organização orgânica e colaborativa.	Onde semeamos nossas potencialidades?
IV (2016)	Tracunhaém - PE	Cocriação da REGA Brasil.	-
V (2017)	Botucatu - SP	-	Permacultura e Bioconstrução

Fonte: REGA Brasil; elaborado pelos autores, 2021.

As propostas e os fundamentos que conduziram à realização do Sementário foram edificantes e tomaram novas providências para a REGA Brasil, como as metodologias e as campanhas de comunicação digital. Outro questionamento que merece consideração é a necessidade de aprofundar e atualizar as pautas da REGA Brasil, a partir de debates, construindo propostas voltadas para o benefício da agroecologia de modo mais abrangente (OLIVEIRA, 2013).

Representação das cartas agroecológicas

Nas cartas agroecológicas emitidas na organização dos ENGAs, analisadas neste artigo, os conteúdos são elaborados com uma linguagem menos técnica para o público em geral no *site* da REGA Brasil. No entanto, quem lê efetivamente as cartas, tantos nos eventos quanto no *site*, são os jovens universitários, os docentes, os membros de movimentos sociais e as demais pessoas ligadas a tais organizações.

É importante considerar que os(as) integrantes da REGA Brasil também são estimulados(as) a iniciarem sua ligação institucional com o poder público de uma maneira geral, mediante a realização de atividades, tais como a organização de eventos, a obtenção de recursos e o planejamento de políticas públicas. Isso tem causado impacto social para a formalização de uma democracia participativa (CUCOLICCHIO; LADEIRA; FURQUIM, 2017).

Em todas as cartas redigidas, o senso comum é voltado para agroecologia. Contudo, no decorrer

da leitura das cartas agroecológicas nas edições realizadas, verificaram-se contextualizações diferentes em suas análises de conteúdo, de acordo com o que os jovens integrantes dos GAs observam e/ou pensam no momento dos acontecimentos.

Todas elas, além do Relato do IX ENGA, indicam as peculiaridades descritas em seu conteúdo e os principais significados dos textos representados pelos jovens. A primeira delas como registro oficial é o tema do evento corroborando o que será discutido ao longo da programação.

Além da peculiaridade específica da agroecologia, discutiram-se várias convergências destacadas no decorrer da pesquisa de conteúdo. De forma unânime, destaca-se a importância do trabalho coletivo realizado em todos os GAs na organização do evento. Nesse tipo de atividade foi bem enfatizada a capacidade de mobilização dos jovens na divulgação, nas oficinas que idealizaram e na organização do evento em suas programações. Para Marques *et al.* (2018), no decorrer do trabalho dos NEAs incentiva-se a metodologia participativa, fazendo com que o público se torne cada vez mais integrado.

Outro ponto analisado na pesquisa foi relacionado ao trabalho dos GAs. As construções de ideias, de discussões, de oficinas realizadas, das organizações de trabalho coletivo e das principais pautas promovidas pela REGA Brasil foram consideradas na evolução de trabalho, bem como a sua influência para os demais públicos. Assim, é possível cativar o interesse de mais jovens universitários pela agroecologia.

A aplicação dessas estratégias de comunicação tem assegurado que as ações desenvolvidas no âmbito da rede social institucionalizada fiquem registradas. Isso tem facilitado uma maior relação entre os diferentes atores sociais, possibilitando uma troca ativa de experiências e conhecimentos sobre a agroecologia (BORSATTO *et al.*, 2018).

Na maioria das cartas redigidas nos ENGAs e outros congressos, representou-se a importância da agricultura familiar e dos povos tradicionais como atores sociais em sua sobrevivência produtiva e alimentar, visto que os modelos hegemônicos de produção agrícola e os conflitos agrários elevam o risco social. Essas abordagens descritas nos conteúdos têm um caráter reflexivo para os jovens universitários no sentido de melhorar os conhecimentos sobre agroecologia, seja no ponto de vista técnico, seja na prática, e também utilizá-la como estratégia inclusiva na produção alimentar local.

Uma das questões mais significativas retratadas nas cartas redigidas são as fortes críticas ao agronegócio, sobretudo na visão produtivista e mercadológica que domina os principais produtos agrícolas do Brasil. Isso influencia a estrutura dos cursos de ensino superior, principalmente nas Ciências Agrárias, cujos principais modelos tecnológicos são desenvolvidos nas disciplinas de graduação dessa área do conhecimento.

De acordo com Jacob (2016), a universidade, como responsável legal da produção científica e formação profissional, reorganizou-se dentro dos padrões tecnológicos em conformidade com as necessidades de crescimento econômico e das políticas agrícolas impostas pela lógica de mercado. Ainda assim, foram alegados pelos coordenadores dos cursos superiores diversos impedimentos para a inserção da agroecologia nas ementas acadêmicas, como a falta de debates nas disciplinas obrigatórias, conhecimento compartilhado por áreas distintas, falta de interesse por parte da maioria dos docentes e dos alunos e pouca demanda de alunos, fatores que impossibilitaram a inclusão de agroecologia nos currículos. Entretanto, grupos estudantis

envolvidos na causa socioambiental têm reivindicado recursos para a reformulação curricular.

Não menos importante, observa-se que os estudos de gênero também figuram entre os assuntos discutidos nos ENGAs. Nos anos de 2009 (Carta Agroecológica de Curitiba), 2013 e 2017, as cartas revelam que a participação feminina no trabalho agroecológico contribui para sua emancipação e construção de saberes; já na Carta de 2015, a pauta feminina girou em torno das questões sobre a violência doméstica, evidenciando uma preocupação crescente.

Há pontos divergentes e/ou isolados em todas as cartas agroecológicas. O primeiro exemplo destaca o contexto regional da Amazônia, retratando os potenciais produtivos e sustentáveis (Carta de 2009), e, no outro caso, os problemas de contextualizações locais que estão colocando sob alerta a sobrevivência dos povos tradicionais e as críticas dos poderes econômicos discutidos na sociedade (Carta de 2015).

Um fato que desponta em todas as cartas relatadas nos eventos é que uma edição foi completamente representada em razão da juventude rural como tema principal, o ENGA de 2015. Nessa Carta, a REGA Brasil reconhece o protagonismo feito por esse público por meio da realização dos grupos de trabalho e na articulação com outras organizações comunitárias.

Outro aspecto que se observa na análise é que a política pública⁶ foi pouco mencionada no conteúdo das cartas. Apesar de abordar bem o assunto, foram feitas apenas ponderações sobre as políticas ambientais brasileiras e internacionais. Em consideração ao tema, para que a agroecologia e a sustentabilidade em geral ganhassem visibilidade, a REGA Brasil implantou as campanhas de comunicação digital (9ª subseção) como forma de dinamizar as suas estratégias de divulgação.

Um ponto interessante desta análise é que, apesar de comentar os fatores positivos da agroecologia mediante as atividades executadas no evento, apontam-se também as falhas na área por causa

⁶ Descrito nas edições do ENGA de 2013 e 2015.

do processo de mercantilização, no qual a compra de produtos orgânicos é efetuada principalmente pelas pessoas com alto poder aquisitivo, exemplificado na Carta de 2017.

Há duas informações preponderantes na organização que merecem as importantes considerações: o relato anônimo ocorrido no IX ENGA e a linguagem semântica dos gêneros. No primeiro ponto, o indivíduo comenta o que vivenciou sobre as atividades desenvolvidas pelos GAs e os significados para o seu pensamento crítico. No segundo ponto, ocorreu uma demonstração igualitária nas linguagens referentes aos públicos segmentados na sua escrita.

Nesse tipo de movimentação organizada com base na ciência agroecológica, elaboram-se diversos conhecimentos, categorizados em dois tipos: 1) na área disciplinar, formam-se os arranjos institucionais e as normas que regem a coletividade, indicando aos setores da sociedade civil um melhor rumo para a sustentabilidade ecológica e justiça social; 2) um novo conceito de produção que entra em confronto com o sistema hegemônico de desenvolvimento. Como movimento social, a agroecologia acaba envolvendo vários atores para construir suas relações, assim como crescentes interesses da sociedade empenhados na defesa da justiça social, do meio ambiente, da segurança e soberania alimentar, da economia solidária, da paridade entre gêneros e melhoria de integração entre campo e cidade (PETERSEN, 2013).

Acredita-se que as práticas das vivências organizadas pela REGA Brasil e do maior conhecimento adquirido em agroecologia têm contribuído com uma formação além da academia para os estudantes e outras categorias sociais participantes. Além de promover a cidadania, as vivências proporcionam autonomia, autoconhecimento, domínio cognitivo e, ainda, uma observação crítica e investigativa. São esses fatores que influenciam a vida profissional, seja para os GAs na extensão, rural, ou mesmo no desenvolvimento acadêmico (CUCOLICCHIO; LADEIRA; FURQUIM, 2017).

Representação das campanhas de comunicação digital da REGA Brasil

As campanhas de comunicação digital permanentes são apresentadas como um plano metodológico de sensibilização para unir e fortalecer as ações executadas ao longo do tempo em torno das pautas pertinentes à agroecologia e à REGA Brasil. Isso faz que se assegure o fortalecimento da conexão entre todos os grupos conveniados (CUCOLICCHIO; LADEIRA; FURQUIM, 2017).

A REGA Brasil dá o suporte na aplicação das campanhas de comunicação da agroecologia organizadas pelos próprios GAs. Cada ação idealizada tem o propósito de fomentar o cultivo agroecológico, relatar problemas, trocar experiências desenvolvidas e assegurar as informações aos leitores. No Quadro 3 estão as temáticas e suas finalidades.

Quadro 3 - Temáticas das campanhas de comunicação digital e respectivas finalidades.

Temática	Finalidades
Plante a REGA	Estimular os grupos de agroecologia (GAs) no cultivo agroecológico nas propriedades, bem como, mediante a divulgação e ação dos eventos, promover reflexões no que diz respeito à biodiversidade e questões políticas no dia a dia.
Caravanas ou Caronas Agroecológicas	Como as universidades e/ou faculdades não dispunham de transporte para os eventos regionais e nacionais de agroecologia, a proposta dessa campanha é facilitar o acesso dos jovens universitários aos grupos de carona para minimizar os custos da estadia.

Continua

Continuação

Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida	Tem como objetivo sensibilizar o público sobre os malefícios dos agrotóxicos, já que o Brasil é um dos principais mercados consumidores. Os problemas dos agrotóxicos têm prejudicado os trabalhadores rurais gerando impactos à saúde pública. Por isso, essa campanha endossa a agroecologia como modelo sustentável.
Troca de Sementes Crioulas	Tem como finalidade manter a biodiversidade e a genética das sementes crioulas no combate às geneticamente modificadas. Para facilitar o processo, a REGA Brasil promove a “Feira de Troca de Sementes Crioulas”, organizada pela juventude, momento em que os participantes trocam mutuamente as suas sementes. Esse evento foi realizado nos anos de 2012, 2013 e 2014. Nessa subseção há um vídeo promocional de divulgação.
Maio Agroecológico	Nessa campanha, vários GAs promovem suas ações e intervenções no mês de maio, tanto nas questões agrárias quanto nas questões urbanas.
Kombosa Me CarREGA	É uma iniciativa de duas mulheres de realizar a caravana agroecológica por todo Brasil em uma Kombi. Desenvolvem o trabalho para divulgar experiências agroecológicas e também facilitar a articulação dos demais grupos (GAs). Essa campanha apresenta três <i>sites</i> (Facebook, YouTube e <i>blog</i>) como fontes de informação.

Fonte: elaborado pelos autores, 2021.

O conteúdo analisado das representações remete a diversos fatores qualitativos que convergem ao trabalho desenvolvido pela REGA Brasil. O primeiro detalhe analisado no conteúdo é o trabalho coletivo. Como explanado nas cartas agroecológicas, esse procedimento de atividade é importante para mobilizar os demais grupos agroecológicos a se atualizarem, se solidarizarem e também atuarem em caráter informativo para os internautas que acessem a página.

A respeito das preocupações dos jovens sobre as ausências desse público nos eventos devido à falta de custeio logístico das universidades, sobre a perda da biodiversidade e sobre as questões políticas e de saúde, existe uma ampla reflexão direcionada ao público participante, além da barreira do conceito agroecológico.

A ação extensionista preponderante nas campanhas de comunicação digital tem como objetivo disseminar as ideias agroecológicas, no exemplo da agricultura familiar, tanto para os jovens quanto para os demais públicos. As finalidades mencionadas

no Quadro 3, quando aplicadas, garantem a relevância no sentido de que as vantagens da agroecologia, o engajamento participativo dos jovens universitários, os questionamentos levantados e as experiências de trabalho são determinantes em influenciar o público a repensar as conceituações dos modelos de produção agrícola. Algumas práticas extensionistas foram consideradas, tais como a demonstração de método, os debates, os informativos e as trocas de experiências e de conhecimentos tecnológicos.

Outro fator é o próprio recurso da mídia como estratégia de divulgação. E nas campanhas de comunicação digital, a própria administração da REGA Brasil desempenhou um papel central em destacar seus objetivos principais em cada uma delas, até mesmo para promover uma reflexão e um entendimento da importância da agroecologia. As metodologias de divulgação são variadas, tais como: conchamar a participação dos jovens a se inserirem em determinados grupos e também ajudarem financeiramente; há a campanha nacional

contra os agrotóxicos, de caráter informativo e reflexivo; divulga-se a troca de sementes; e há, ainda, relatos de duas participantes da REGA Brasil sobre as experiências em agroecologia pela “Kombi” (Quadro 3), que, nesse exemplo, conta com a utilização de outras redes sociais.

Essas ações fazem com que a REGA Brasil conduza a formulação de um plano político que pautava a agroecologia como eixo principal das discussões, desenvolvendo o senso crítico no ponto de vista teórico, prático e profissionalizante. Além disso, são compartilhadas experiências com agricultores familiares e outros povos tradicionais e, até mesmo, trabalhos comunitários (FAGUNDES; LADEIRA; OLIVEIRA, 2013).

Essas formas de trabalho comunicativo apresentadas no *site* remetem à outra maneira de disseminação da agroecologia; por exemplo, o processo de sistematização. Conforme argumentam Cardoso *et al.* (2018), sistematizar experiências é uma maneira de compartilhar e extrair conhecimento e também aprender coletivamente por meio das trajetórias construídas pelos diversos atores sociais empenhados em trabalhar com agroecologia. Essa perspectiva, para o novo modelo de produção sustentável, fortalece as atividades praticadas nos territórios, valoriza os diferentes movimentos e constitui uma ciência renovada conciliada ao saber popular. Como o trabalho desenvolvido nos NEAs, assim como nas campanhas de comunicação digital da REGA Brasil, as articulações de diversas entidades foram facilitadas, de modo que se identificaram 70 redes de articulação e 430 parcerias dos NEAs com 249 organizações sociais.

Discussão geral

Do ponto de vista representativo, o *site* da REGA Brasil apresenta muitos significados ancorados em uma base definida entre o sujeito (agroecologia) e o objeto (juventude). Como analisado, o conteúdo do *site*, além das cartas agroecológicas e dos artigos, se assemelha à ancoragem, conforme defende Sêga (2000), porque, a partir dessas bases de conhecimento é que se realizam diversas

intervenções sociais, significados do assunto perante o público e na utilidade que lhes são conferidas. Nesse sentido, a ancoragem presente na REGA Brasil pode ajudar a integração cognitiva do objeto, no caso do jovem.

Corroborando a ideia de Sêga (2000) a respeito dos indivíduos e dos grupos sociais, tanto os grupos quanto os eventos agroecológicos apresentam seus métodos de abordagens para chamar atenção do público. No caso da divulgação de eventos, têm-se como exemplos as imagens chamativas que retratam o rural e o meio ambiente como uma demonstração de simbologia da sustentabilidade brasileira, reforçando os significados, a integração dos povos tradicionais e as contextualizações das ruralidades.

Mesmo com a proposta da REGA Brasil de reforçar a agroecologia como meio de vida através da divulgação na internet, o *site*, em alguns trechos das cartas agroecológicas, buscou representá-la também como um ato político. Os conteúdos explorados na página – por meio dos eventos, das cartas redigidas nos eventos, dos trabalhos acadêmicos, das oficinas e temas sociais – reforçam as manifestações das representatividades demonstradas como objetivo de que vários segmentos da sociedade o notem. Assim como Menasche (2005) assevera, a abordagem da mídia sobre as reivindicações dos movimentos sociais e ações governamentais expõe as caracterizações dos grupos. Nesse sentido, os grupos agroecológicos também realizavam atividades buscando incentivar a prática sustentável, sendo amplamente representados socialmente.

No questionamento das representações como projeto de vida abordado por Gonçalves *et al.* (2008), o trabalho requer tempo e adaptação para que o jovem tenha sua própria renda e autonomia, a fim de garantir a sua independência econômica.

No caso do *site* da REGA Brasil, em comparação ao estudo de Gonçalves *et al.* (2008), o propósito apresentado não é diferente porque tem como finalidade ajudar profissionalmente o jovem universitário a compreender a agroecologia como método de trabalho, além de priorizar a lida no campo como o meio principal de sobrevivência.

E no mesmo *site*, as atividades realizadas – vivências, oficinas, debates e experiências de vida relacionadas à agroecologia – reforçam para o jovem a necessidade de adquirir conhecimentos de agroecologia e cidadania para desenvolver o seu labor.

Concernente à representação da juventude rural e à agroecologia, a finalidade do *site* é promover a agricultura sustentável por meio dos jovens. Sendo assim, alguns registros retratados nas notícias, nas campanhas de comunicação digital, nos discursos presentes nos conteúdos e nas cartas agroecológicas, além de apoiar as demais instituições encontradas nos *links*, demonstraram suas análises críticas na agricultura brasileira.

Deve-se considerar ao menos dois fatores importantes na relação entre juventude rural e agroecologia: 1) a multidimensionalidade da agroecologia, que requer atenção na atuação de profissionais de cursos superiores (muitos(as) deles(as) jovens), em que determinados estudos apresentam interfaces com a agroecologia; e 2) as caracterizações do agroecossistema. Nos processos formativos, a multidisciplinaridade deve ser vista como uma riqueza, que desafia a prática pedagógica (SILVA, 2017).

Percebe-se que a juventude é alvo de várias representações da sociedade, e, dentre as mais usuais, estão, paradoxalmente, a capacidade de mudança, de esperança no futuro e a acomodação e inércia das gerações que vieram após 1960. No entanto, é visível que as representações que circulam no senso comum da população são herdadas por meio de uma construção coletiva marcada especificamente na comparação da geração atual com as gerações de 1960 e 1970, tidas como agentes revolucionários (DIAS; DOULA; CARDOSO, 2017).

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo a compreensão e o aprofundamento analítico das representações sociais da Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil (REGA Brasil), visando a juventude. As metodologias utilizadas na pesquisa serviram como parâmetro essencial para entender como a

juventude universitária pode buscar esse tipo de interação a partir dos estudos de agroecologia.

Na organização do *site*, a REGA Brasil apresentou sucintamente a distribuição das seções e as imagens retratadas mostraram a divulgação de eventos, notícias, campanhas de comunicação digital e procedimentos cadastrais. No enfoque dos dois principais eventos, o ENGA e o Sementário, os conteúdos tinham uma abordagem simples, indicando anualmente uma região brasileira e a especificação do tema com o significado esperado para a reflexão dos jovens. Isso significa uma grande oportunidade dos jovens em aprimorarem os princípios de agroecologia em caráter técnico e didático. Nos conteúdos observados, há vários indícios representativos dos grupos agroecológicos da REGA Brasil, tais como agricultura familiar, trabalho coletivo, gênero, universidades, ações extensionistas e os recursos midiáticos.

Como estratégia de divulgação da agroecologia, os grupos proporcionaram aos jovens universitários condições de inserção nesses espaços de representação e buscarem soluções em prol da sustentabilidade. A organização dos eventos e as campanhas de comunicação digital complementaram os esforços para dinamizar as propostas pedagógicas e as abordagens de discussão presentes. Sobre o papel da mídia no presente estudo, reforça-se o uso das representações sociais no intuito de garantir, da melhor maneira possível, informações relevantes da agroecologia. Para a juventude é importante porque visa uma formação alternativa em favor da sustentabilidade, cooptando grupos universitários de agroecologia e outros setores sociais a aderirem à causa.

No próprio *site*, a organização elaborada da REGA Brasil tem o papel mobilizador de comunicação ao público jovem, no sentido de reforçar a participação e compreender a importância dos encontros para que, no futuro, a visão produtivista seja repensada. A importância disso é tão expressiva que outras organizações se interessaram em firmar convênios e parcerias com a REGA Brasil como alternativa do acesso à informação referente à agroecologia e a outros assuntos pertinentes.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da bolsa de estudos dos pesquisadores, fato que resultou no desenvolvimento da presente pesquisa.

Referências

- ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, Rio de Janeiro, n. 117, p. 127-147, nov. 2002. Disponível em: <https://bit.ly/3ylCqEg>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- BORSATTO, R. S.; DUVAL, H. C.; MEIRA, B. C.; THOMSON, C. R. Agroecológica: uma rede para construção e socialização do conhecimento agroecológico. *Revista Brasileira de Agroecologia*, Porto Alegre, v. 13, p. 64-75, jan. 2018. Número especial. Disponível em: <https://bit.ly/3AvvMxT>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- CARDOSO, I. M.; SOUSA, N. A.; AGUIAR, M. V. A.; DAMIGO, L.; AMÂNCIO, C. Núcleos de agroecologia: tecendo redes de solidariedade, diversidade e resistência. *Revista Brasileira de Agroecologia*, Porto Alegre, v. 13, n. p. 3-7, jan. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2vungg2>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- CASTRO, E. G.; FERREIRA, A. T.; SERRADOURADA, R. N.; CARVALHO, E. Juventude e agroecologia: a construção de uma agenda política e a experiência do PLANAPO. In: SAMBUICHI, R. H. R.; MOURA, I. F.; MATTOS, L. M.; ÁVILA, M. L.; SPÍNOLA, P. A. C.; SILVA, A. P. M. (org.). *A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável*. Brasília: IPEA, 2017, p. 295- 323.
- CUCOLICCHIO, M.; LADEIRA, I.; FURQUIM, T. Rede de grupos de agroecologia do Brasil: tecendo redes de agroecologia Brasil adentro e afora. *Cadernos de Agroecologia*, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 1-14, jul. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3au6gOG>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- DIAS, D. L.; DOULA, S. M.; CARDOSO, P. O. Participação política nas redes sociais: um estudo com jovens universitários. *Revista Sociais & Humanas*, Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 124-143, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3RexRUK>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- DOULA, S. M. Temporalidades híbridas entre jovens rurais da Zona da Mata de Minas Gerais. *Ponto e Vírgula*, São Paulo, n. 17, p. 336-350, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3OXS7Zq>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- DREBES, L. M.; WIZNIEWSKY, J. G. Agroecologia e juventude: um possível campo de investigação científica em ascensão. *Revista Monografias Ambientais*, Santa Maria, v. 14, n. 1, p. 26-36, 01/04 2015. Doi: <https://doi.org/10.5902/2236130815785>
- FAGUNDES, A. V. W.; LADEIRA, I. F. S.; OLIVEIRA, L. A. O processo de organização dos grupos de agroecologia no Brasil. *Cadernos de Agroecologia*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 1-5, nov. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3Pa8eCD>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- FARGNOLI, C. A.; MAIA, A. C. Grupo agroecológico GAUFC: história e experiências em mais de uma década de lutas. *Revista Brasileira de Agroecologia*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 1-4, nov. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3yMJj8>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- FAXINA, F.; FREITAS, L. B. A.; TREVIZAN, S. D. P. Sustentabilidade ambiental em comunidades de pescadores inseridas em destino turístico: o caso da Ilha Mem de Sá-Brasil. *Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 16311, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3RiEc1h>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- FINATTO, R. A. Redes de agroecologia e produção orgânica na região sul do Brasil. *Ra'e Ga*, Curitiba, v. 38, p. 107-145, dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3nMBvb6>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- FRANCO, M. L. P. B. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.
- FREITAS, L. B. A.; MONDO, T. S.; SOARES, J. C. Comentários de los turistas respecto a la “Passarela do Caranguejo” desde la perspectiva de los destinos turísticos inteligentes. *TURYDES: Revista sobre*

Turismo y Desarrollo local sostenible, Málaga, v. 13, n. 29, p. 20-39. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3uxqkqj>. Acesso em: 5 dez. 2021.

GONÇALVES, H. S.; BORSOI, T. S.; SANTIAGO, M. A.; LINO, M. V.; LIMA, I. N.; FEDERICO, R. G. Problemas da juventude e seus enfrentamentos: um estudo de representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 217-225, 2008. 8000200009. Disponível em: <https://bit.ly/3aneisN>. Acesso em: 11 dez. 2021.

JACOB, L. B. *Agroecologia na universidade: entre vozes e silenciamentos*. Curitiba: Appris, 2016.

JACOB, L. B.; ALMEIDA JUNIOR, A. R.; AZEVEDO, M. A. R.; SPAROVEK, G. A agroecologia nos cursos de engenharia agrônômica: para além de desafios e dilemas curriculares. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas, v. 21, n. 1, p. 173-198, mar. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3OQWjKp>. Acesso em: 25 jul. 2021.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001, p. 17-44.

KOZINETS, R. V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.

MARQUES, A. B. G. M.; AGUIAR, A. S.; GONÇALVES, N. G. G. Troca de saberes: uma forma de aprendizado. *Extensão em Ação*, Fortaleza, v. 1, n. 10, p. 18- 32, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3bRGIAZ>. Acesso em: 25 jul. 2021.

MARQUES, G. E. C.; BRANDÃO, C. M.; MUNIZ, R. A.; ROCHA, A. E.; PACHECO, F. P. F. Vivências, saberes e experiências para a construção do conhecimento agroecológico. *Revista Brasileira de Agroecologia*, Porto Alegre, v. 13, p. 142-155, jan. 2018. Número especial. Disponível em: <https://bit.ly/3alPOAd>. Acesso em: 25 jul. 2021.

MAZZOTTI, A. J. A. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. *Revista Múltiplas Leituras*, São Paulo, v.1, n. 1, p. 18-43, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3c0vgxH>. Acesso em: 25 jul. 2021.

MENASCHE, R. Os grãos da discórdia e o trabalho da mídia. *Opinião Pública*, Campinas, v. 11, n. 1, p. 169-191, mar. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3OVfEtY>. Acesso em: 25 jul. 2021.

MOURA, N. F.; FERRARI, E. A. *Juventudes e agroecologia: a construção como permanência no campo na Zona da Mata Mineira*. Rio de Janeiro: ANA; Viçosa: CTA-ZM, 2016.

OLIVEIRA, J. R.; BOTELHO, M. I. V. Transição agroecológica em meios de vida: conhecimentos e práxis de educandos das escolas famílias agrícolas (EFAs). *Revista Espacios*, Caracas, v. 38, n. 35, p.13, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3bQucMx>. Acesso em: 25 jul. 2021.

OLIVEIRA, L. A. Sementário da rede de grupos de agroecologia do Brasil (REGA). *Cadernos de Agroecologia*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, 4 p. 1-7, nov. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3yoGgwd>. Acesso em: 25 jul. 2021.

PETERSEN, P. Agroecologia e a superação do paradigma da modernização. In: NIERDELE, P. A.; ALMEIDA, L.; VEZZANI, F. M. *Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura*. Curitiba: Kairós, 2013. p. 69-104.

PIRES, A. H. B. *Extensão rural, agroecologia e extensão rural: a experiência dos agentes promotores de agroecologia (APAS) no Sertão do Araripe - Pernambuco*. 2011. 85 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2011.

RAMOS, R. F.; SOBUCKI, L.; TONIN, J.; MACHADO, J. T. M.; ROHRIG, B.; BETEMPS, D. L.; SCHNEIDER, E. P. Experiências didático-pedagógicas em agroecologia na Região Noroeste do Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, Chapecó, v. 8, n. 1, p.15-22, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3NKB1N2>. Acesso em: 25 jul. 2021.

ROSSET, P. A territorialização da agroecologia na disputa de projetos, e os desafios para as escolas do campo. In: RIBEIRO, D. S.; TIEPOLO, E. V. (org.). *Agroecologia na educação básica: questões propositivas de conteúdo e metodologia*. São Paulo: Outras Expressões, 2017. p. 83-92.

SÊGA, R. A. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 13, p. 128-133, jul. 2000. Disponível em: <https://bit.ly/3uw8nbJ>. Acesso em: 25 jul. 2021.

SILVA, I. O.; PINTO, D. S.; PEREIRA, M. G. R.; LIMA, F. O.; FONTENELE, L. N.; DANSI, S. F.; OLIVEIRA, L. M. T. Juventude protagonizando a transição agroecológica no Estado do Rio de Janeiro. *Agriculturas: Experiências em Agroecologia*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 19-21, mar. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3yQVfkc>. Acesso em: 25 jul. 2021.

SILVA, J. N. Juventudes rurais e agroecologia: um diálogo imprescindível. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 2, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3NPb9Qi>. Acesso em: 25 jul. 2021.

SILVA, L. M. S.; SOUSA, R. P.; ASSIS, W. S. A educação superior e a perspectiva agroecológica: avanços e limites dos Núcleos de Agroecologia das IES no Brasil. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 2, p. 251-274, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3aiN7zu>. Acesso em: 25 jul. 2021.

SILVEIRA, P. S. *Pegadas agroecológicas: história e práticas educativas de grupos de agroecologia*. 2016. 242 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016.

SOUSA, R. P. Agroecologia e educação do campo: desafios da institucionalização no Brasil. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 38, n. 140, p. 631-648, jul./set. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3NK4ZAQ>. Acesso em: 25 jul. 2021.

WORSTER, D. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. *Ambiente & Sociedade*, Campinas, v. 5, n. 2, p. 23-44, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3apLDDs>. Acesso em: 7 dez. 2021.

Recebido em: 15 ago. 2021

Aceito em: 13 dez. 2021

